

## BIBLIOTECA VIVA: LABORATÓRIO DE CRIATIVIDADE

**EDUARDO HENRIQUE PEIXOTO<sup>1</sup>**; **MIGUEL JOÃO DE DEUS<sup>2</sup>**; **THAIS MEINERZ ALVES<sup>2</sup>**; **CELVIO DERBI CASAL<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – ehpeixoto@outlook.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - migueljd228@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - meinrzthais@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - derbi.casal@ufrgs.br*

### 1. INTRODUÇÃO

O projeto Biblioteca Viva: Laboratório de Criatividade é um programa de extensão da Biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que surgiu no ano de 2018, com o objetivo de integrar as ações culturais realizadas pela Biblioteca do Instituto de Psicologia em parceria com professores, estudantes, projetos, coletivos e movimentos sociais. Ampliando o alcance das ações e promovendo a comunicação entre ensino, pesquisa e extensão, as ações foram desenvolvidas acompanhando debates em torno da cultura e o contexto das questões contemporâneas, acontecimentos e/ou datas importantes.

Entendemos cultura como o conjunto dos “*muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros.*” (HALL, 1997, p. 2). Esses sistemas de significação não interagem sem conflitos. Na realidade, são justamente as tensões e negociações sobre esses sentidos que se dão “*em um território de lutas e contestações pelos quais nos tornamos sujeitos*” (GUARESCHI, 2008, p. 5), que constituem a cultura. Assim, a cultura produz a sociedade e é produzida socialmente em interações complexas entre os indivíduos e os grupos sociais

As culturas (no plural) produzem comunidades através de modos comuns de existência e também de resistência de forma situada política e historicamente, atravessadas por fluxos que delimitam e também diluem identidades e diferenças, em tensionamentos dinâmicos das relações de poder e da colonialidade (MIGNOLO, 2017).

Definimos ação cultural como a promoção das condições para encontros significativos entre pessoas e grupos, que interagem a partir de suas diferenças culturais e, por meio dessa interação, produzem novas formas de ser e de viver.

A proposta, portanto, é usar o modo operativo da arte - livre, libertário, questionador, que carrega em si o espírito da utopia - para revitalizar laços comunitários corroídos e interiores individuais dilacerados por um cotidiano fragmentante (COELHO, 2001, p. 33-4).

As bibliotecas comunitárias são as que mais se aproximam dessa ideia de ação cultural, pois, como aponta Machado, “*[...] são bibliotecas criadas efetivamente pela e não para a comunidade, como resultado de uma ação cultural.*” (2009, p. 89). O deslocamento do “fazer para” para o “fazer com” é um convite à participação da comunidade nos processos constitutivos e de gestão e coloca às equipes das bibliotecas o desafio de se perceber como parte integrante da comunidade, com condições de propor mas também com a responsabilidade de escutar e se envolver nas questões da comunidade.

Assim, o Programa Biblioteca Viva busca, por meio da ação cultural, tanto na Biblioteca do Instituto de Psicologia, quanto nas comunidades parceiras, aproximar a comunidade da biblioteca e a biblioteca da comunidade, promovendo encontros protagonizados pelas próprias comunidades.

## 2. METODOLOGIA

A proposta metodológica do programa é a cartografia, entendida como pesquisa-intervenção que tem como característica a inclusão dos sujeitos envolvidos na pesquisa, colocando em um mesmo plano o pesquisador e o objeto, bem como tudo o que cada um deles articula, como o campo acadêmico do pesquisador e seus instrumentos técnicos e políticos e também seus afetos e preconceitos, junto com as relações do objeto com seu meio e com a própria pesquisa.

A principal característica da cartografia é a sua abertura para os encontros e a ampla participação, abrangendo a heterogeneidade do campo de pesquisa, acompanhando as experiências em sua processualidade, percorrendo histórias e se deixando levar pelo campo coletivo de forças para dar passagem aos afetos e inventar coletivamente novas formas de ser. *“O desafio é evitar que predomine a busca de informação para que então o cartógrafo possa abrir-se ao encontro”* (BARROS; KASTRUP, 2015).

Para estabelecer esse percurso, em cada ação é constituída uma linha narrativa de saberes, articulando a produção de conhecimento com as práticas culturais e a memória, de forma dialógica e participativa, integrando também os conteúdos curriculares dos cursos de Psicologia e Serviço Social, por meio do contato com os projetos de professores, alunos e grupos do Instituto e com agentes da sociedade, em convite para o diálogo e ações.

Das linhas narrativas ocorrem grupos de estudo (GE) e/ou coletivos, convidados para produzir os eventos, considerando temas de interesse e demandas do cenário atual. Os eventos produzidos pelos GE/Coletivos são apresentados como ações de extensão desenvolvidas em múltiplos formatos (seminários, exposições, performances, intervenções do cotidiano, etc.). Sempre buscando o diálogo interseccional com os diferentes grupos que formam a sociedade. Após a realização dos eventos, os grupos e coletivos formados são convidados a avaliar as ações e propor a continuidade do vínculo em outros projetos e ações.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos anos de 2018 e 2019, a Biblioteca Viva produziu exposições de arte, seminários, aulas públicas, cine debates, rodas de conversa, oficinas, apresentações musicais e saraus. Todas as ações foram articuladas com projetos e pesquisas de estudantes e professores do Instituto e com a participação de coletivos, movimentos e instituições da sociedade, produzindo encontros interdisciplinares e interinstitucionais.

Entre os parceiros das ações do Programa estão: o Instituto Psiquiátrico Forense (IPF); o Projeto ArtInclusão; O Projeto Des'Medida; o Laboratório CRIAMUS, do curso de Museologia (UFRGS); o Programa de Extensão Movimentos Sociais (UFRGS); o Movimento Nacional da População de Rua; o

Coletivo PsicoPreta; o coletivo Beabah! – bibliotecas comunitárias do Rio Grande do Sul (RS); As Comissões de Graduação de Serviço Social e Psicologia (UFRGS); e os diretórios acadêmicos DASEIN e CASS (UFRGS).

As ações desenvolvidas aos poucos foram transformando o papel e a visibilidade da Biblioteca em sua comunidade. Hoje a Biblioteca tem um papel fundamental na articulação cultural no Instituto e participação ativa junto aos departamentos, dialogando com os currículos das graduações e contribuindo para o processo de curricularização da extensão, para o planejamento das atividades de ensino e para a visibilidade das pesquisas e projetos de extensão realizados na Unidade.

Também ofertamos uma vaga de estágio básico em Psicologia, supervisionado pelo Centro Interdisciplinar de Pesquisa e Atenção à Saúde (CIPAS/UFRGS), nas atividades do programa com a temática da saúde mental. Para 2020, estava previsto o aumento da oferta de vagas de estágio, com a continuidade dos projetos.

A atuação dos bolsistas foi fundamental para o desenvolvimento das ações, participando das articulações e da execução de cada atividade. As competências de relações humanas, produção de eventos, planejamento, acompanhamento e avaliação das ações foram desenvolvidas com horizontalidade por toda a equipe.

Todas as temáticas das ações foram estabelecidas junto com atores da comunidade, envolvendo também a sociedade, movimentos sociais, grupos e instituições, gerando atividades com alto impacto cultural e social na comunidade e visibilidade para pessoas e grupos sociais em situação de vulnerabilidade.

O Programa firmou parcerias internas e externas, garantindo a reedição de ações que tiveram grande participação da comunidade, como as Rodas de Escrivivências, em parceria com o coletivo PsicoPreta, e a articulação de relações com bibliotecas comunitárias, envolvendo o coletivo Beabah! – bibliotecas comunitárias do Rio Grande do Sul (RS), e a criação de uma biblioteca junto com os internos do o Instituto Psiquiátrico Forense (IPF).

A parceria com as Bibliotecas comunitárias e com o IPF gerou um projeto próprio para o ano de 2020, o “Bibliotecas Vivas: Promoção de Bibliotecas Comunitárias”, com os objetivos de: apoiar o desenvolvimento de coleções de material bibliográfico identificado aos interesses de comunidades específicas como quilombolas, indígenas, pessoas em situação de rua e usuários, grupos e instituições de saúde mental; articular relações com projetos de pesquisa, ensino e extensão nas áreas de Biblioteconomia, Psicologia e Serviço Social, que possam apoiar a constituição de bibliotecas comunitárias; articular relações com instituições, grupos, coletivos e redes da sociedade para a produção de programas de atividades com as comunidades no contexto das bibliotecas comunitárias.

Ao realizar as atividades junto com a comunidade, a Biblioteca se torna um lugar de encontro e produção de saberes, articulados com o acervo e as coleções bibliográficas, potencializando seu papel de centro de memória e informação.

Com o contexto da pandemia de Covid-19, as ações presenciais do projeto estão suspensas, mas os integrantes permanecem organizados, produzindo novas ideias para ações e novas formas de encontro, através das redes sociais.

## 4. CONCLUSÕES

Ao entendermos a biblioteca como um espaço de trocas de saberes e compartilhamento de vivências, visualizamos o leitor e participante da ação cultural como parte integrante do acervo deste espaço de informação, com protagonismo para além da leitura/escrita, evidenciando a importância da oralidade e das histórias não contadas ou invisibilizadas pela história e pela sociedade.

Portanto, concluímos que o estímulo da comunicação entre a biblioteca, sociedade acadêmica e o público externo às suas grades e muros deve ser mantido e potencializado através de ações conjuntas e representativas. Além disso, notamos a alta demanda da sociedade para contribuir e se apropriar dos espaços de fala, produzindo assim seu conhecimento de forma colaborativa e horizontal, entendendo e validando o pressuposto de que uma biblioteca viva é construída com a sociedade e não para ela.

## REFERÊNCIAS

BARROS, L. P. De; KASTRUP, V. Pista 3: Cartografar é acompanhar processos. In: **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52–75.

COELHO, T. **O Que é Ação Cultural?** São Paulo: Brasiliense, 2001.

GUARESCHI, N. M. de F. Cultura, identidades e diferenças. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 2, 2008

HALL, S. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15–46, 1997. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71361>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

MACHADO, E. C. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **RDBCi**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 80, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbcii/article/view/1976>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 01, 2017.